



# CLÍNICA SOMÁTICO-PERFORMATIVA: AFETO COMO MÉTODO

*SOMATIC-PERFORMATIVE CLINIC: AFFECT AS A METHOD*

*CLÍNICA SOMÁTICA-PERFORMATIVA: EL AFECTO COMO MÉTODO*

**Tania Alice**

**Tania Alice**

Artista-pesquisadora e professora da graduação e da pós-graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Diretora do grupo de pesquisa Práticas Performativas Contemporâneas, bolsista de produtividade PQ2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq) e diretora artística do coletivo Performers sem Fronteiras.

### Resumo

O texto aborda de forma cartográfica a experiência da Clínica Somático-Performativa, desenvolvida na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro desde 2018, apresentando as pesquisas em arte realizadas no contexto dessa atividade, que se configura como uma prática de poéticas do cuidado em sala de aula. Por meio dessa experiência, reflete-se sobre a importância do afeto, da alegria e da coletividade em uma produção artística coletiva.

**Palavras-chave:** performance, trauma, poéticas do cuidado, arte socialmente engajada.

### Abstract

This paper maps the experience of the Somatic-Performative Clinic developed at Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro since 2018, presenting the Arts research conducted therein as a type of poetics of care in the classroom. Such experience allow us to reflect on the importance of affect, joy, and collectivity for a collective artistic production.

**Keywords:** performance art, trauma, poetics of care, socially engaged art.

### Resumen

Este texto aborda de manera cartográfica la experiencia de la Clínica Somática-Performativa desarrollada en la Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro desde 2018, presentando la investigación en arte realizada en el contexto de esta actividad, que se configura como una práctica de poética del cuidado en el aula. Esta experiencia nos permite reflexionar sobre la importancia del afecto, la alegría y la colectividad en términos de producción artística colectiva.

**Palabras clave:** performance, trauma, poética del cuidado, arte socialmente comprometido.

*Embora seja loucura, há nela certo método*<sup>1</sup>.  
Shakespeare

A Clínica Somático-Performativa (CSP) é um projeto artístico e clínico iniciado em 2018. No começo, ela foi desenvolvida em parceria com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), onde trabalho, como uma ação de prevenção ao suicídio e depressão. Realizada por meio de encontros semanais da Escola de Teatro, inicialmente em parceria com o esquizoanalista Bruno Cuiabano e com o artista-pesquisador Diogo Rezende, a CSP nasceu do desejo de propor novas formas de estarmos juntas/os, de gerar um campo de cura pela conexão amorosa e de desenvolver a criatividade coletivamente. Desde seus primórdios, a CSP se constituiu como um espaço de acolhimento e construção de novas subjetividades, bem como um de experimentação de maneiras diferentes de lidar com aquilo que atravessava as/os alunas/os, auxiliando a transição das/os participantes de um estado de vítima para um de responsabilização e empoderamento<sup>2</sup> por meio da prática artística.

Um dos *insights* sobre as possibilidades de atuação no contexto da clínica surgiu de uma experiência performática própria, realizada em 2013, que permitiu um primeiro entendimento empírico sobre a possibilidade curativa da performance. Na época, eu estava passando por um momento difícil e resolvi tentar me animar colocando um cartaz nas ruas e redes sociais, dizendo: “Convide-me a fazer com você o que você mais gosta de fazer. Me diga o dia, horário e o que preciso levar”. Contava com o fato de que fazer com as pessoas o que elas mais gostavam de fazer iria me ajudar a me animar também – uma perspectiva que, nesse momento, eu considerava até um pouco egoísta. Porém, rapidamente percebi que ativar a solidariedade das pessoas era um processo muito interessante: porque, para me ajudar, elas voltavam a se questionar sobre o que mais gostavam de fazer e retomavam

---

<sup>1</sup> Fala do personagem Polônio, cena II, ato II (SHAKESPEARE, 1995).

<sup>2</sup> Entendo aqui “empoderamento” não como uma prática para ganhar mais poder sobre outra pessoa, mas como uma maneira de tornar-se mais consciente de si, para, a partir dessa consciência, ter mais capacidade de reinvenção da própria vida.

suas práticas, por vezes, esquecidas por anos. Entendi que colocar-se ou ser colocado na posição de quem pode ajudar o outro oferece uma perspectiva grande de empoderamento. Após ter realizado cerca de quarenta atividades (ver as nuvens nascendo na praia de Ipanema, comer uma laranja ao sol, pegar uma estrada sem destino e até namorar), resolvi retribuir e ofertar o que eu mais gosto de fazer: rir. O meu programa performativo, realizado pela primeira vez na praça do Largo do Machado, no Rio de Janeiro, em 2014, era ficar sentada em uma cadeira oferecendo um compartilhamento de gargalhadas para quem assim desejasse.

Em uma versão posterior da performance, realizada em galerias de arte, também propunha compartilhar o riso, enquanto, em um telão, passava o vídeo de todas as ações realizadas em conjunto com as pessoas. A performance final, intitulada *Ulysses: a caminho de casa*, aconteceu três vezes em 2014: no Festival Internacional de Performance Art de Helsinki, na Finlândia; no Grace Exhibition Space, de Nova York; e no Zsenne ArtLab, em Bruxelas<sup>3</sup>. Foi fundamental perceber que instaurar dispositivos performáticos que ativam a solidariedade alheia tem um profundo efeito curativo e isso passou a ser um dos eixos da minha prática artística nos anos subsequentes, que me levaram até à criação da CSP em 2018.

Inicialmente, a CSP era aberta a qualquer pessoa (alunas/os, professoras/es, técnica/os administrativas/os) que desejasse frequentá-la, até que, em 2019, passou a funcionar com um grupo específico de aluna/os e professora/es, que se deixaram atravessar pelas experiências, para, em seguida, se tornarem multiplicadores da CSP em seus respectivos locais de trabalho, escolas, comunidades ou bairros<sup>4</sup>. Nesse momento, a clínica funcionava como um espaço de junção clínica-arte, sendo estruturada organicamente a partir das experiências realizadas pelas/os participantes, partindo da mobilização de diferentes componentes terapêuticas (práticas

---

<sup>3</sup> No livro *Manual para performers e não-performers*: 21 ações artísticas para produzir felicidade, detalho este e mais outros 20 programas performativos, que podem ser realizados por quem o deseja, sem nenhum direito autoral (ALICE, 2020, p. 78).

<sup>4</sup> Entendo a CSP como um projeto de arte socialmente engajada, conforme o define Pablo Helguera em seu livro *Education for socially engaged art* (2011), no sentido de que atua não somente na esfera subjetiva, mas também na esfera social.

somáticas, esquizoanálise, psicomagia de Jodorowsky, objetos relacionais de Lygia Clark, meditação, ioga, movimento consciente...) e da linguagem da performance em suas diversas vertentes: performance autobiográfica, foto e videoperformance, performance relacional, performance social, performance urbana, ritual entre outras.

Propondo transições possíveis de um corpo-arquivo de traumas para um corpo-arquivo de novas possibilidades, a CSP atuava na construção de corpos capazes de produzir uma revolução dos afetos no momento social e político que estávamos atravessando, por meio das potências de vida que aprendiam a gerar, configurando-se como uma prática intensiva de arte relacional<sup>5</sup>.

Em 2020, durante a pandemia de covid-19, a clínica foi redirecionada para um projeto específico de cuidados poéticos. Primeiro, um grupo de escuta poética, em conjunto com diversos professores<sup>6</sup>, ofereceu escutas para quem desejasse e também para nós mesmos. Essa experiência se desdobrou em um projeto de escuta intitulado Roda de Mulheres, que oferecemos em 2020, em parceria com o Setor de Atenção à Saúde do Trabalhador da Unirio, a todas as servidoras interessadas na modalidade online; e um grupo de trabalho de criação de professoras/es da Unirio.

Outro desdobramento foi a criação do espetáculo *Crescer pra passarinho: uma experiência de cuidados poéticos online*, realizado em conjunto com os Performers sem Fronteiras, dentro do grupo de pesquisa Práticas Performativas Contemporâneas. O espetáculo, apresentado on-line noventa vezes durante a pandemia, inicialmente buscou cuidar dos profissionais de saúde que estavam na linha de frente contra a pandemia para em seguida se estender, a fim de arrecadar fundos para a Associação de Produtores Teatrais do Rio de Janeiro, auxiliando na compra de cestas básicas. Outra ação na interseção arte/saúde foi a performance inspirada no

---

<sup>5</sup> Em 2021, Fabiana Monsalu e eu organizamos um livro sobre arte relacional no Brasil, que faz um inventário de diversas práticas de arte relacional atualmente realizadas por artistas no nosso país a partir de artigos por ela/es produzidos.

<sup>6</sup> Participaram da Escuta Poética os professores doutores Marcus Fritsch, Ricardo Kosovski, Leticia Carvalho, Juliana Manhães e Nara Keiserman.

projeto Memorial Inumeráveis<sup>7</sup>, intitulada *Cada número é o amor de alguém*. Nessa performance, prestamos homenagem a cada uma das vítimas de covid-19 e, em ordem alfabética, contamos suas histórias de vida. Essa criação, com direção minha, foi apresentada como performance de abertura no encontro da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes de 2021<sup>8</sup>.

Por fim, houve outro desdobramento virtual das ações da CSP, que se tornou um novo projeto, intitulado *Petformances: poéticas do cuidado para, com e por animais*, em parceria com a aluna, monitora e médica veterinária Manuella Mellão. Esse projeto se desdobrou em cursos oferecidos na graduação e na pós-graduação, em oficinas na Mostra Internacional de Teatro de São Paulo e no programa Sesc em Casa. Nesse momento, focamos a ação da clínica em gerar ou aprofundar um olhar antiespecista e fomentar a solidariedade interespecies, tão importante no momento de crise ecológica que estávamos vivendo, em que nossos animais eram nossos maiores cuidadores e companheiros<sup>9</sup>.

Em março de 2022, quando as universidades públicas voltaram ao presencial, a clínica voltou a ser um espaço de acolhimento presencial dentro de uma disciplina intitulada Prática de Cena. Nesse curso, oferecido em parceria com Caio Picarelli, artista-pesquisador, aluno do mestrado e estreito colaborador da clínica, desenvolvemos práticas performativas e somáticas a partir de desejos de aprendizado trazidos pelos alunos, tentando reabilitar corpos traumatizados pelo longo tempo de pandemia e solidão, como podemos observar na figura abaixo.

---

<sup>7</sup> Disponível em: [www.inumeraveis.com.br](http://www.inumeraveis.com.br).

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.performerssemfronteiras.com/cada-n%C3%BAmero-%C3%A9-o-amor-de-algu%C3%A9m>.

<sup>9</sup> Aprofundo a questão das Petformances em um artigo publicado na *Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas* (v. 2, n. 41, setembro de 2021), também publicado como capítulo do livro *Arte relacional no Brasil: o que se faz, o que se come* (MONSALU; ALICE, 2021, p. 357-377).

Figura 1 – Práticas somático-meditativas (Praia da Urca)



Foto: arquivo pessoal.

Como forma de se reconectar com o desejo pulsante e com a força vital após dois anos de pandemia e ensino remoto, nesse retorno ao mundo presencial, foi levado para os alunos o seguinte questionamento: “O que você gostaria de aprender e nunca teve oportunidade?”. Foi estabelecida uma lista de desejos do que gostariam de aprender: andar de patins, aprender a rodar bambolê na cintura, dançar balé, escrever um pré-projeto de pós-graduação, usar uma panela de pressão, ir para uma festa do pijama foram alguns dentre eles. O intuito era ampliar a sensibilidade e também dar espaço aos processos de cura individuais. Por esse motivo, criamos um espaço somático que buscava a harmonização dos corpos físico, mental, emocional e espiritual que, ao mesmo tempo, era performativo porque estava em permanente reelaboração e renegociação com as forças que o atravessavam. Os encontros da CSP, nesse momento, operavam em dois momentos entremeados. A primeira parte do encontro se dava com práticas somáticas e meditativas que visavam a preparar os corpos para a investigação de novas maneiras de existência, cuja importância é fundamental, como assinala Peter Pál Pelbart (2014, p. 250):

Na esteira do perspectivismo, uma das questões cosmopolíticas de hoje poderia ser: qual é a dor que cada actante, humano ou não humano, carrega? Qual é a ameaça que cada um deles, e nós com eles, enfrentamos? E quais dispositivos cabe ativar, seja para dar-lhes voz, seja para dá-los a ver, seja para deixá-los se esquivarem ao nosso olhar voraz? Da Amazônia aos autistas, a questão é a mesma – a dos modos de existência.

No segundo momento do encontro, era realizado o processo de aprendizado dos desejos das pessoas – previamente estruturados em um cronograma constantemente definido e articulado –, em que não havia uma obrigatoriedade de todas as pessoas aprenderem os desejos, mas o estado de escuta e presença de todas/os era estimulado. Com a prática meditativa e somática realizada, havia não apenas a criação de um espaço para o aprendizado, mas também o estímulo à performatividade para todo processo de entregar-se a uma nova experiência.

**Figura 2 – Aprender a participar uma festa do pijama – desejo de infância de Thais Aquino**



Foto: arquivo pessoal.

Em conjunto com Caio Picarelli, e sempre em parceria com Buda, meu cão de suporte emocional (cf. figura 3), com o passar das semanas, observamos que a/os estudantes começavam a sentir mais confiança no processo de abertura de suas próprias vulnerabilidades, seja pela fala – nos aprendizados de “como lidar com a saudade” e “como superar uma traição”,



seja pela confiança da troca de toques – “aprender a fazer e receber massagem”, “entender como funcionam os objetos relacionais de Lygia Clark” –, seja pelo empoderamento de sua própria relação com seu corpo – “aprender a dançar balé”, “aprender a usar bambolê”, “aprender a andar de skate” ou com o grupo – “realizar uma festa do pijama que nunca aconteceu” (figura 2). A CSP erigiu-se, nesse sentido, como um campo não apenas de pesquisa em artes, mas também de prática artística como pesquisa, em que, a partir da arte, encontramos caminhos não apenas para movimentar não apenas o que precisa ser movimentado em questão de saúde emocional, física e psicológica, mas também para propor o cultivo de esperança e encantamento pela vida.

Figura 3 – Participação de Buda nas práticas somáticas.



Foto: arquivo pessoal.

Vale ressaltar que os aprendizados não eram realizados de forma literal. Assim, para aprender a usar a panela de pressão, foram realizados vídeos performativos nos quais tudo o que pressionava as/os participantes na vida era atirado em forma de bolinhas dentro de uma panela de pressão – atividade que foi, em seguida, desenvolvida em forma de performance relacional pela aluna e monitora Thais Aquino. Para aprender a lidar com o medo e desmistificar a atmosfera de terror decorrente de uma ameaça de atentado no Centro de Letras e Artes, foram realizadas fantasias de fantasmas e uma coreografia com a música de *O fantasma da ópera*. Lidar com a saudade constituiu-se em uma caminhada meditativa no meio da floresta, em um compartilhamento das saudades com o grupo, saudades que, em seguida,

foram transformadas em barquinhos de papel soltos no mar pelo proponente Zé Caetano, participante voluntário da clínica. (cf. figura 6).

**Figura 6 – Aprendizado “Como lidar com a saudade”, de Zé Caetano.**

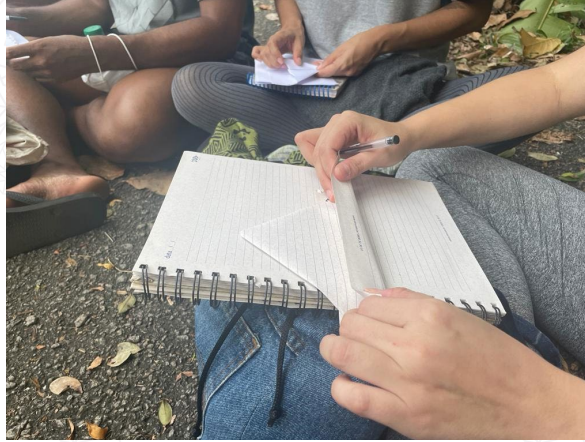


Foto: arquivo pessoal.

De início, não sabíamos qual seria o formato do arquivo do processo como um todo (ações performativas, catálogo de ações, registros por fotos, vídeos etc.), pois, mais do que um projeto, a ideia era gestar um espaço que fosse uma arte-clínica-espço de práticas somáticas e meditativas com imbricamentos sensíveis em fazeres performáticos, o que só foi possível com a estruturação da confiança entre pessoas, a entrega para as propostas e o deixar fluir e confiar no processo. No decorrer do processo, resolvemos estruturar uma sessão de compartilhamento com o público, na qual cada aluna/o poderia convidar duas pessoas. Realizada no dia 20 de julho de 2022, a sessão contou com a participação do meu cão artista e professor Buda<sup>10</sup> e se apresentou como um grande espaço de convivência, troca e saúde para todas as pessoas envolvidas, alunas/os ou as pessoas convidadas para participar (cf. figura 5).

---

<sup>10</sup> Neste artigo, não irei me aprofundar na importância fundamental da presença de Buda como cão coterapeuta na clínica, pelo fato de já ter escrito recentemente um artigo sobre o assunto, a ser publicado em 2023 no livro do seminário “Afetos, autismos e artes”, organizado por Maria Rejane e a Equipe do Teatro da Boca Rica de Fortaleza. A respeito disso, recomendo fortemente a leitura de Temple Grandin e Catherine Johnson (2005) em seu livro *Animals in translation*, que estabelece um vínculo entre o animal e a pessoa autista e a possibilidade de cura para ambas/os.

Figura 5 – Flyer do dia do compartilhamento com o público



Fonte: Autora.

Após o encerramento do semestre, a bolsista de integração acadêmica Thais Coutinho e a monitora do curso Thais Aquino recolheram depoimentos das/os participantes sobre os aprendizados obtidos durante o semestre, para que pudéssemos avaliar se nossas intenções de produção de saúde tinham sido efetivas. Assim, C. se expressou sobre o seu desejo de aprender a lidar com a saudades e dizer adeus e sobre como ele desejou aproveitar o espaço da clínica para aprofundar esta questão:

Acho que nunca soube me despedir das coisas, sempre é uma coisa difícil, a saudade é uma parte importante de mim, sempre me acompanha na vida. Quando nos foi perguntado o que gostaríamos de aprender dentro da universidade, tentei pensar em coisas palpáveis, objetivas, mas só me vinha ideias que fugiam dessa lógica. Foi aí que pensei o quanto seria bom aprendermos como lidar com saudades e como dizer adeus. Escolhi isso para aprender na clínica. (C.)

A aluna J., que também tinha atravessado um semestre conturbado, afirmou que pôde aproveitar o espaço da clínica para abordar em segurança

uma situação afetiva e complexa. Seu desejo era “lidar com uma situação difícil”:

Meu aprendizado foi escolhido por um momento que estava passando, sem ter acolhimento da família por estar longe, recorri a clínica que eu sabia que podia me sentir à vontade e confortável pra me abrir e falar sobre minhas questões. Foi ótimo ouvir os relatos e aprender de uma forma diferente e performática a lidar com as crises que a vida nos presenteia. (J.)

Observou-se que, por vezes, o fato de lidar com uma situação simples também pode desencadear um processo de cura. O pequeno se torna assim uma metáfora do grande. Dessa forma, A. escreveu: “O meu aprendizado foi aprender a fazer estrelinha. Eu era uma criança extremamente medrosa, até fazer estrelinha eu morria de medo, então, com esse aprendizado, foi um pouco superar esse trauma e tentar fazer a criança medrosa dentro de mim orgulhosa”. O trauma de infância foi ressignificado pela experiência performativa, conforme um dos princípios do *Somatic experiencing*<sup>11</sup>, segundo o qual fortalecer os recursos pode ser mais eficiente do que mergulhar no vórtex do trauma. Uma situação similar pôde ser observada com T., que desejava aprender a usar uma panela de pressão, o que foi feito de forma poética:

A coisa de usar panela de pressão mexe muito comigo porque nunca fui muito de cozinhar e desde que fui morar sozinha, eu fiquei com essa pressão de que eu tinha que fazer coisas, se não as coisas não vão acontecer e eu tinha medo da panela explodir. Mexer nela me remete a isso da vida adulta, essa transição. (T.)

Neste caso, a panela se tornou o símbolo de uma passagem entre dois mundos, para a qual a vivência na CPS ofereceu um ponto de apoio.

A partir da experiência do primeiro semestre, no segundo semestre de 2022, decidi, pela força das experiências vividas, radicalizar a experiência dos desejos montando o projeto “Fábrica de Sonhos”. A ideia era que cada aluna/o, no início do semestre, pudesse formular o maior sonho de sua vida e que esse sonho pudesse ser realizado pelo grupo. Recolhemos os sonhos

---

<sup>11</sup> O *Somatic Experiencing* – terapia fundada por Peter Levine nos Estados-Unidos e na qual me formei – é uma forma de terapia alternativa destinada ao tratamento de transtornos relacionados a traumas e estressores. O objetivo principal do SE é modificar a resposta corporal ao estresse relacionado ao trauma.

das/os alunas/os e, a cada semana, a equipe, composta pelo estagiário de docência Caio Picarelli, que assumiu novamente a condução das práticas somáticas, pelo agora orientando de mestrado Zé Caetano, pela monitora Thais Aquino e pela bolsista de incentivo acadêmico Thais Coutinho, definia em encontros as etapas e a metodologia ligada à fabricação daquele sonho específico.

Durante a semana, nos organizamos junto com as/os alunas/os, para que o sonho pudesse acontecer durante a aula seguinte. Desta forma, até o momento presente, os seguintes sonhos foram realizados<sup>12</sup>: voar, receber flores de uma pessoa desconhecida (cf. figura 6), cantar em um show, receber cartas de amor, fazer uma trilha com amigos e olhar para o mar como se fosse em uma série da Netflix, boiar no mar, organizar uma festa-surpresa para várias pessoas desconhecidas na rua (cf. figura 7), estrear como *drag queen* (Figura 8) e receber uma declaração de amor com um carro de som (cf. figura 9). Foi extremamente comovente observar a transformação da expressão da pessoa no momento em que seu sonho estava sendo realizado, bem como a força de ação e o empenho coletivo para que o sonho pudesse acontecer. Conforme Nise da Silveira em sua exposição realizada no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro em 2021: “O que melhora é o contato afetivo de uma pessoa com a outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito” (ESTUDIO M-BARAKÁ, 2021).

---

<sup>12</sup>Estou escrevendo este artigo no final de dezembro de 2022 e, até o final das aulas, em janeiro, ainda teremos cinco sonhos a serem realizados.

**Figura 6 – Prática somática com flores, antes da chegada do segurança com o buquê**



Foto: arquivo pessoal.

**Figura 7 – Realizando uma festa surpresa para pessoas desconhecidas na rua**



Foto: arquivo pessoal.

Figura 8 – Estrear como *drag queen*



Foto: arquivo pessoal.

Figura 9 – Receber declarações de amor em um carro de som



Foto: arquivo pessoal.

Na realização dos sonhos, ficou bastante perceptível que a força do coletivo atuava como uma potência de afeto tão grande como a realização do sonho em si. No livro *A revolução pelo afeto*, catálogo-livro da exposição homônima, Vitor Pordeus, fundador do Hotel da Loucura, projeto fundado em 2012 e que pode ser considerado como uma semente do trabalho de Nise da

Silveira, afirma que a própria criação artística se apresenta como um processo que pode promover cura quando é realizado pela força do coletivo:

Eu até tenho alguns pacientes, mas rapidamente eu os converto em atores. E, quando mais eles deixam de ser pacientes e mais ficam atores, mais autonomia e saúde eles ganham. São rituais de saúde, de construção social, de acolhimento, amor e coletividade.

Nesse sentido, quando realizamos o sonho da vida de alguém, trabalhamos não somente o sentimento de se abrir para o outro e se alegrar pela felicidade dele, mas atuamos também na construção de uma performance coletiva, que utiliza o afeto como método para se concretizar e que entende que atuamos coletivamente contra “a blindagem sensorial, o rebaixamento intensivo e a depauperização vital” (PELBART, 2014, p. 256).

O projeto da clínica está atualmente seguindo o seu curso, desdobrando-se em encontros somáticos-performativos realizados pela equipe idealizadora, de maneira a pesquisar mais a fundo o que atua exatamente no processo de cura e produção de saúde das/os participantes. O que é possível compartilhar, neste momento, são alguns princípios norteadores do trabalho, que emergiram no seu decorrer, durante o processo, tais como: trabalhar uma fala sucinta e uma escuta profunda; criar condições de segurança física, emocional e afetiva para que o voo possa se dar; criar um espaço de confiança no grupo, já que a mutualidade da conexão provoca o bem-estar e a tranquilidade necessária ao mergulho nas vulnerabilidades; priorizar de forma igualitária as três missões de cuidar das tarefas a serem realizadas, do bem-estar e das relações; acompanhar e validar a experiência do outro sem julgamento e interferências; valorizar a alegria e o afeto; não determinar um lugar onde se deveria chegar.

No decorrer desse processo apaixonante de arte e pesquisa entremeadas, concluo com uma frase de Nise da Silveira que nos leva a considerar a beleza e a potência de nossas loucuras: “Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas ajuizadas” (ESTUDIO M-BARAKÁ, 2021).

Obrigada, Buda, leitoras/es, colegas, alunas/os e equipe.



## Bibliografia

ALICE, Tania. **Manual para performers e não-performers**: 21 ações artísticas para produzir felicidade. Rio de Janeiro: Multifoco, 2020.

ESTUDIO M-BARAKÁ (org.). **Nise**: a revolução pelo afeto. Rio de Janeiro: Centro Cultural do Banco do Brasil, 2021. Catálogo da exposição realizada no Centro Cultural do Banco do Brasil, entre 8 de junho e 15 de novembro de 2021.

GRANDIN, Temple; JOHNSON, Catherine. **Animals in Translation** – using the mysteries of autism to decode animal behaviour. New York: Simon and Schuster, 2005.

HELGUERA, Pablo. **Education for socially engaged art**. New York: Jorge Pinto Books, 2011.

MELLO, Luiz Carlos. **Nise da Silveira**: caminhos de uma psiquiatra rebelde. Rio de Janeiro: Automática, 2014.

MONSALU, Fabiane; ALICE, Tania (org.). **Arte Relacional no Brasil**: o que se faz, o que se come. Rio de Janeiro: Multifoco, 2021.

PELBART, Peter Pál. Por uma arte de instaurar modos de existência que “não existem”. */r/* 31ª BIENAL de São Paulo. São Paulo: Bienal, 2014. p. 250-265.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet e Macbeth**. Tradução de Anna Amélia Queiroz. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.